

FESTEJO DE SÃO BERNARDO: MEMÓRIA E REPRESENTAÇÃO.

Ronilson de Oliveira Sousa¹

Keliane da Silva Viana²

Orientador: Prof. Msc. Wheriston Silva Neris³

1. Introdução

Inscrito num conjunto de pesquisas que têm renovado o interesse de estudo das devoções e festas religiosas no Brasil (COUTO, 2008), o objetivo central deste trabalho consiste em analisar os significados, as continuidades e rupturas do festejo do padroeiro do município de São Bernardo, Estado do Maranhão. O material mobilizado como fonte de informação é constituído fundamentalmente de entrevistas em profundidade realizadas com lideranças comunitárias, moradores mais antigos, devotos e organizadores da referida festa, contando ainda com pesquisa documental em livros, artigos, registros fotográficos e documentários sobre essa festa religiosa. Na medida em que a pesquisa avança, diversos outros materiais têm sido levantados de arquivos pessoais, bem como novas entrevistas vêm sendo realizadas. De maneira geral, este trabalho se situa em uma agenda de pesquisas sobre as configurações do espaço religioso na Microrregião Baixo Parnaíba, região que abrange diversos outros municípios além de São Bernardo¹, e que vem sendo desenvolvida no Curso de Ciências Humanas/Campus São Bernardo/UFMA.

No presente trabalho, parte-se do pressuposto de que a festa é uma produção humana, submetida a diferentes visões, perspectivas e representações (ALBUQUERQUE JR., 2007). Os relatos dos entrevistados sobre o festejo fornecem, nesse sentido, um aporte fundamental tanto para apreensão das interpretações cristalizadas na memória coletiva acerca da festa, quanto para a compreensão das redes de sociabilidade e do processo contínuo de negociação das identidades sociais que perpassa a produção desse ritual coletivo. De fato, embora tenhamos encontrado representações que não são homogêneas sobre elementos específicos da festa, para os entrevistados, nunca esteve em questão a importância do evento como algo que faz parte de sua própria existência social e que desempenha uma importante função coletiva. Em outros termos, a identificação desses agentes com a cerimônia não apenas atesta a importância do pertencimento religioso, como também indica um grau de identidade objetiva com todos os outros agentes envolvidos no cotidiano da assistência à messe. Isso ajuda a

entender a notável receptividade obtida pelos pesquisadores ao longo da pesquisa e o interesse presente nos relatos dos entrevistados em resgatar a própria “memória do festejo”.

Numa perspectiva mais ampla, este trabalho confirma as constatações de diversas outras pesquisas quanto à importância que as festas, em suas diferentes acepções, têm na própria cultura brasileira e o fato de que as mesmas traduzem, em grande medida, as experiências, as expectativas, as imagens e as formas de representação da vida social de agentes concretos (ABREU, 1999; AMARAL, 1998; DAMATTA, 1998). Cumpre ressaltar ainda que pela própria seleção dos entrevistados (em sua maioria, membros de famílias tradicionais locais envolvidos na organização do festejo), fomos levados a incorporar uma reflexão sobre a forma como a festa é organizada, sua estrutura e também suas hierarquias (QUEIROZ, 1992). Foi a atenção a esses aspectos que permitiu conceber o festejo de São Bernardo como um fenômeno social cuja existência não está separada dos princípios que regem a própria di-visão do espaço social e simbólico em pauta. Assim, se o festejo evidencia o universo religioso e a importância das crenças coletivas, também comunica acerca das próprias categorias de representação da vida social em São Bernardo e sobre o imbricamento entre o social, o político e o cultural. Pode-se, nesse caso, conceber o festejo um pouco além de sua dimensão propriamente cerimonial, identificando como através do mesmo realiza-se uma complexa mediação entre esferas sociais (religiosa, familiar, cultural, política, social), entre anseios individuais e coletivos, entre passado, presente e futuro, entre o sagrado e o profano (AMARAL, 1998).

Ante o exposto, o texto que segue apresenta a seguinte estrutura: primeiro, realizaremos uma descrição da festa com base nas entrevistas e materiais recolhidos. Em seguida, discutiremos o modo como a festa se organiza do ponto de vista das funções exercidas por cada um dos organizadores e das modalidades de negociação que permeiam a construção desse ritual coletivo. Após, discutiremos a questão dos vínculos mantidos com o sagrado através das lembranças sobre um acontecimento traumático, o roubo do santo. Ao término, voltaremos à questão da mediação entre sagrado e profano.

2. TODO ANO TEM: o tempo do festejo.

O mês de agosto, no Município de São Bernardo, Estado do Maranhão, demarca um momento distinto na experiência temporal comunitária: algo a que podemos chamar de *tempo do festejo*. Esse tempo religioso consiste na festa que ocorre entre os dias 10 e 20 de agosto

em comemoração à São Bernardo, padroeiro do município. A festa é organizada pelos moradores mais antigos, devotos, leigos da paróquia e autoridades eclesiais. Sua programação religiosa se estende durante dez dias (missas, novenários, romarias, leilões, batizados, casamentos, primeira comunhão, pagamentos de promessas ao Santo, levanto do Mastro, festas Sociais e procissão), e conta com intensa participação local. Há toda uma programação voltada para os romeiros, através de grupos de acolhimento, hospedagens e momentos propícios dedicados à oração e inclusão dos mesmos na festa. Nesse período, diversos devotos vão agradecer os milagres ao “Santo” e/ou fazer novas promessas para serem pagas nos anos vindouros.

No tempo do festejo, o fluxo populacional destoa do dia-a-dia da pacata São Bernardo. Caminhões, ônibus e carros de passeios trazem os romeiros de várias localidades da região. Alguns destes realizam o percurso a pé e a cavalo. Como dito, a ambiência comunitária se torna mais intensa nesse período: além da participação dos populares em momentos centrais do festejo, é todo o espaço urbano que se dinamiza. Diuturnamente as ruas ficam movimentadas. Na fala de seus moradores, “As ruas do centro antigo se enchem de brilho, as casas ganham novas cores”, “barracas com suas bebidas e jogos são montados nos becos e esquinas”. Botecos e botequins feitos de palha de buriti preparam o ambiente festivo para receber seus freqüentadores em busca de conversas e prosas, esquecendo por um instante as dificuldades do dia-a-dia. Camelôs e vendedores ambulantes circulam pela cidade vendendo objetos e artigos religiosos dentre eles a imagem do “Padroeiro”, despertando assim, o interesse dos devotos e romeiros que querem levar uma lembrança do festejo.

O comércio “aquece” com o entra e sai de clientes desejosos de levar a melhor roupa para usar e destacar-se no meio da multidão. Porém, o uso de “roupas novas” não se restringe à participação nas procissões; são também importantes para ganho de visibilidade nos diversos passeios e festas dançantes que são organizadas nos clubes da cidade. Esses bailes tradicionais constituem o ambiente de concentração da Elite bernardense. O “baile dos anos dourados”, por exemplo, que acontece todo ano no dia 18 de agosto, busca resgatar os primeiros bailes que aconteciam nos anos 1980. Neste baile, as diversas famílias do meio social e político de São Bernardo marcam presença transformando o momento em um encontro de aproximação e distanciamento entre as mesmas. Enquanto isso, a “gente comum” também festeja nos bares e botequins na orla do rio buriti, que banha São Bernardo, onde os divertimentos também são regados à bebidas e comidas típicas da festa. Momento de divertimento, de êxtase e efervescência, a excitação provocada pela festa também comporta alguns conflitos, e excessos são recordados quando se relembra o “corre-corre” de sujeitos levados pela polícia, em meio a

gritos e boatos. È neste ambiente sagrado e profano que se configura o reencontro de pessoas que se confraternizam em um clima efusivo que se monta nos arredores da igreja, nas praças e nas ruas da cidade.

De maneira geral, a festa de São Bernardo apresenta um caráter misto, oscilando entre dois pólos: a cerimônia e a festividade. Nas representações dos entrevistados, essa divisão é concebida através de uma divisão categorial entre a vertente “religiosa” e a vertente “social” do festejo. Com base nessa classificação, antes da programação “propriamente religiosa”, acontece uma festa popular um dia antes do início do festejo, com o “Levantamento do mastro”. Esta manifestação é organizada pelos “caboclos de São Bernardo” e consiste em um “movimento popular” que acontece no dia 09 de agosto com a retirada da árvore mais alta da chapada do povoado “Ladeira”, localizado em um município vizinho à São Bernardo (Santa Quitéria/Ma). Neste dia são montadas barracas com palhas de palmeira de babaçu atraindo visitantes para passar o dia inteiro comendo e dançando ao som de uma bandinha. Terminada a festa, os “caboclos” se reúnem nos arredores da árvore levantando a mesma do chão e dando gritos de “VIVA SÃO BERNARDO”. O *Juiz do mastro* dá a voz de comando para a saída em direção à matriz, a fim de ser fincado na praça da igreja. Na chegada, à meia noite do mesmo dia, na capela de São Sebastião, na entrada da cidade, é montada outra festa para receber o mastro. Nesse momento, tambores de crioula, bumbas e quadrilhas fazem a alegria da moçada.

Na tarde do dia seguinte (10), uma grande procissão toma conta da rua principal da cidade: é o povo carregando nos ombros o mastro com a bandeira contendo a imagem do santo. A bandinha anima a multidão durante todo o percurso. Os fogueteiros também se encarregam de anunciar que o mastro está chegando. Outra multidão espera ansiosamente nos arredores da igreja. Após adentrar à Igreja, o mastro é jogado três vezes para cima com gritos de “Viva São Bernardo”, demarcando assim a abertura de mais um ano do festejo. Então o mastro é levado para fora do Santuário. Trata-se de um dos momentos-chave da festa: o mastro é fincado no chão e começa a brincadeira. Homens sobem no mastro para agarrar os prêmios que geralmente são “galinhas e dinheiro”. Nessa hora, são jogados bolos, biscoitos e pipocas para as pessoas que se encontram no local onde o mastro é fincado.

Ao longo dos dias de festejo, e especialmente no dia 20 de agosto, nos quais se concentram os momentos mais cerimoniais (missas, romarias, novenário, procissões), desde a manhã pode-se ouvir as batidas da bandinha de música, animadas por pessoas mais idosas (que mantêm viva a tradição do “Padre Nestor, Senhora Mimi e Dona Nilza”), e que demarcam a fusão do tempo profano com o sagrado. O movimento se intensifica aos arredores

do Santuário: a igreja fica lotada de fiéis e romeiros para assistirem as três missas que acontecem pela manhã na igreja Matriz. É nesta ocasião que os romeiros, fiéis e devotos pagam suas promessas e acendem suas velas. No dia 20 também ocorre a esperada “Procissão”. Trata-se de um dos momentos de maior afluência da emoção. O objeto simbólico de maior importância na procissão sai de seu Santuário em um andor ornamentado e conduzido pelo próprio povo. As cantigas são as tradicionais do festejo: “*Ó Santo Glorioso São Bernardo, Padroeiro Sagrado desta Terra...*” Uma multidão irmanada em torno do andor acompanha todo o trajeto. Pagadores de promessas são vistos com suas túnicas beges ou roupas brancas; pessoas descalças, crianças vestidas de anjos e pessoas rezando com velas na mão são mais comuns. Ao longo da procissão, pode-se ver diversas casas enfeitadas com flores, balões e panos brancos em suas portas e janelas, demarcando a diluição das fronteiras entre vida pública e particular. Tendo percorrido o trajeto, na chegada em frente ao seu Santuário, o andor pára por um instante: é o momento de ouvir as palavras do Bispo, dos Padres e de um dos “Filhos da terra”. Findo o espetáculo de fogos, a imagem é conduzida novamente ao altar. Nesse momento, diversos fiéis aproveitam a ocasião para tirar as flores do arranjo para guardarem como lembrança em suas residências.

3. AS REPRESENTAÇÕES QUANTO AO SURGIMENTO E À ORGANIZAÇÃO DO FESTEJO.

A análise dos relatos dos entrevistados quanto ao surgimento e à organização do festejo de São Bernardo indica a existência de diferentes versões. Para alguns, o festejo surgiu a partir do processo de colonização dos indígenas na região do Baixo Parnaíba. Os Jesuítas teriam vindo para esta região aproximadamente no ano de 1700, período em que teriam fundado uma pequena vila, levantado uma casa e uma capela sobre a proteção de um Santo chamado “São Bernardo”. Alguns relatos afirmam que a opção pela devoção ao santo deriva do fato de que esses Jesuítas eram membros da ordem de Claraval, pertencente ao Mosteiro fundado pelo Monge Bernardo de Claraval, em Portugal. Porém, essa versão também conta com peculiaridades, como aquela na qual os Jesuítas teriam escondido a imagem de São Bernardo numa “moita” e que, após ter sido encontrada pelos índios canela que habitavam a região, foi interpretada pelos religiosos como um milagre. Para alguns dos entrevistados, essa representação se apóia, inclusive, no próprio peso da transmissão memorialística dos

antepassados: “Todas essas histórias dos Jesuítas, vocês podem ter como verdade, porque quem me contou foi meu pai, ele era autoridade, era de uma cultura fora do comum, e ele passava tudo pra mim” (M.E.A.L). Tal acontecimento teria demarcado a origem da devoção e da festa ao padroeiro para alguns. Para outros, no entanto, essa origem é inverossímil como no seguinte depoimento:

Sabemos que a festa de São Bernardo é bem antiga. A Senhora poderia nos contar (com suas próprias palavras) um pouco da história desse festejo? Como surgiu o festejo?

A festa não é por causa dos jesuítas, eu acredito que a festa é própria da igreja. Sempre houve a festa dos padroeiros. Agente sempre houve falar nessas histórias, dos jesuítas. Essa imagem é francesa, eu acredito que nem foram os jesuítas que trouxeram o santo pra cá. Como é que os índios trouxeram uma imagem francesa pra cá, ela foi doação parece. Já andei em vários lugares e não vi nenhuma imagem parecida com esta. Eu ouço lendas de como São Bernardo veio para cá (C.R.C.L.S.S).

Para outros entrevistados, no entanto, a origem do festejo de São Bernardo esteve associada à vinda de famílias do Estado do Piauí e do Ceará, que migraram para essa região, e entre as quais se encontrava um certo “vaqueiro” cujo nome era Bernardo de Claraval. Teria sido esse indivíduo que, em suas andanças à procura de uma vaca, teria caído e achado a imagem de São Bernardo no alto de um morro onde foi edificada a atual igreja. Tal evento mítico teria como que “sacralizado o lugar” (Eliade, 1992) e desencadeado a festa em homenagem ao Santo São Bernardo. Outro relato pouco conhecido, mas de fundamental importância reporta a vinda de um lusitano por nome Bernardo de Carvalho e Aguiar (capitão) que chegou nesta região nos anos de 1708, este era pacificador de indígenas no estado da Bahia, Pernambuco e Piauí, sendo convocado pelo governador do Maranhão (Cristóvão da Costa Freire – 1712) para pacificar esta região, possibilitando a entrada de Padres Jesuítas para o processo de catequização.

Para o que importa ressaltar aqui, porém, antes de optar por uma ou outra versão, importa entender que as representações formuladas sobre a origem da festa misturam elementos que dizem respeito tanto a aspectos históricos (como os processos migratórios que fazem da região um local de passagem e conexão), quanto a dimensões culturais que estão associados à própria cultura campesina e sua estrutura social (para outro contexto, ver: PRADO, 20007). É assim que se pode compreender o sentido da presença dos religiosos, dos Canela, do

Vaqueiro, do capitão, e a própria mescla entre o mítico e o religioso que se pode identificar nos elementos que estruturam as falas. Como temos notado em conversas informais, existem outras versões (além das aqui mencionadas) que também indicam a polivalência dos significados simbólicos associados à própria explicação da origem do festejo (imaginário esse que merecerá maior aprofundamento em trabalhos posteriores).

Da mesma forma que a origem do festejo, a própria lógica de organização do mesmo encontra-se estritamente ligada às histórias, costumes e cultura dos moradores. Ao que se sabe, a festa começou a ganhar espaço no cenário religioso da região a partir das iniciativas do “Padre Nestor”, que foi o pioneiro na introdução de novos elementos no festejo, como a banda de música, os leilões para angariar fundos e a construção de uma nova igreja em estilo gótico, a fim de receber seus fiéis e romeiros. Conforme uma das organizadoras, “do meu conhecimento vem do tempo do Padre Nestor, na época eu era criança e lembro que ele era um Padre muito dedicado, ele se empenhava mesmo em realizar a festa, em levar a palavra de Deus e motivar as pessoas na questão da fé, na presença da igreja, evangelizando os moradores da cidade” (M.N.C.N).

De maneira geral, os organizadores são sempre pessoas ligadas aos grupos de orações, pastorais e demais movimentos da paróquia, o que atesta que o festejo é produzido dentro de uma rede comunitária eclesial dependente de formas de reconhecimento e de posições dentro do grupo. Embora conte com o auxílio de “Comerciantes, prefeito, devotos, romeiros e familiares da cidade e dos povoados” (F.C.S), a organização e coordenação do evento é realizada pelo Conselho Pastoral Paroquial (CPP) que se encarrega da distribuição das funções com antecedência (geralmente nos meses de junho/julho), dado a repercussão do festejo a nível regional. São os membros dessa coordenação os responsáveis por “procurar os patrocinadores, as pessoas que nos apóiam. Os políticos, a polícia e o pessoal que vem de fora” (M.J.M). Uma das entrevistadas destaca, por exemplo, que entre os principais apoiadores da festa encontram-se: “polícia militar, secretaria de cultura, educação, saúde, da prefeitura e dos moradores mesmo, daqueles que são devotos. Agente reúne com essas lideranças e cada um contribui dentro do seu território. Os comerciantes colaboram com “jóias”, e desses prêmios, jóias, agente faz bingo, rifas. Eles também participam, tem às noites que eles participam dentro da programação religiosa” (M.N.C.N). Para essa organização, as comunidades e os grupos de orações se reúnem e dividem as tarefas a serem cumpridas nos dez dias de festa. São montados grupos de acolhida e venda de objetos e artigos religiosos, bem como de comidas típicas. Após as missas e o novenário acontecem os leilões com doações da própria comunidade, cuja renda é destinada para os trabalhos da paróquia. Enfim,

trata-se aqui, sem dúvida, de uma festa que combina tanto uma intensa participação da comunidade em seu conjunto (preparação, organização), quanto fornece uma representação da mesma para os indivíduos que vêm de fora.

Ao indivíduo que vêm de fora, e que já tenha participado mais de uma vez na festa, é visível através da realização do festejo (e de momentos-chave que o marcam como o “tocar o sino”, o “levantamento da bandeira”, ou o próprio ato de “discursar para a população”) que o mesmo encontra-se fortemente vinculado à uma rede de famílias antigas que, há várias gerações, não apenas atuam em comum para manutenção das tradições locais, quanto compartilham um estoque de lembranças e de ligações afetivas que perpassa a sua própria história familiar, a história do festejo e o pertencimento religioso. De fato, é por se tratar de um evento que engloba a própria história religiosa do local e que estabelece mediações com a própria vivência comunitária que podemos compreender ainda a presença de elementos em comum nas memórias dos entrevistados, como os eventos traumáticos associados à morte do padre Nestor de Carvalho Cunha e o episódio do furto da imagem do santo.

4. A MEMÓRIA DE UM ACONTECIMENTO TRAUMÁTICO: O furto da imagem do Santo.

Para Clifford Geertz (1989; p. 93), a religião nunca é apenas metafísica: em todos os povos, as formas, os veículos e os objetos de culto são rodeados por uma aura de profunda seriedade moral. Nessa perspectiva, qualquer ato ou ação que atinja tais símbolos religiosos, sobretudo aqueles dramatizados em rituais e celebrações nas quais detêm uma centralidade, afetam a coletividade como um todo e a dimensão simbólica e afetiva que perpassa esses símbolos. Tal concepção ajuda a entender o porquê do roubo da imagem de São Bernardo ser rememorado pelo viés traumático para os fiéis que testemunharam tal acontecimento. Conforme a narrativa dos entrevistados, a trama se desenvolve da seguinte maneira:

O “roubo do santo”, bem como de alguns objetos sacros, ocorreu no dia 09 de março do ano de 1976. Segundo os relatos dos moradores entrevistados, apareceu na cidade um carro vermelho que causou estranhamento nos moradores. O cidadão que dirigia o carro entrou na igreja e sentiu admiração pelo santo. Pelo que se tornou conhecido posteriormente, o mesmo era vendedor de imagens e peças sacras. Em um “momento de distração”, à

noite, o sujeito teria entrado na igreja pela janela de trás e levado o santo. No dia seguinte, a sacristã viu a janela aberta e adentrou ao templo onde sentiu falta da imagem e correu as pressas para bater o sino da igreja e avisar os moradores. Em uma cidade fortemente integrada como São Bernardo, o intercâmbio contínuo de notícias favoreceu uma rápida difusão do ocorrido. Os entrevistados recordam com certa angústia o desespero gerado nessa ocasião... Rapidamente, porém, diversas “autoridades” e “filhos da terra”, tanto os que permaneciam em São Bernardo, quanto aqueles que moravam fora, mobilizaram contatos de cidade em cidade para conseguir pistas para saber onde estava o santo. Uma das entrevistadas relatou ter recebido uma carta de uma amiga que dizia que a imagem de São Bernardo estava na cidade de Bacabal-Ma. Tendo informado as autoridades acerca do teor da referida carta, rapidamente foi destacado um “filho da terra”, que era coronel da polícia militar do Maranhão, para entrar em contato com a polícia da capital e montar uma estratégia para recuperar a imagem e os demais objetos. O Coronel foi até a cidade de Bacabal juntamente com alguns homens da polícia e, sem levantar suspeitas, encontrou o autor do furto. Tendo ocorrido a investigação, e constatado que se tratava efetivamente do “santo roubado”, a polícia foi acionada e os objetos furtados foram reavidos. Relatos afirmam que o santo não fora enviado para São Paulo por que, conforme o responsável pelo furto, “toda vez que passava pelo santo se sentia mal e a noite não conseguia dormir com uma coisa ruim no pensamento”. Depois de reconhecidos os objetos pela Sacristã, as peças roubadas e a imagem foram abrigadas provisoriamente na residência de um dos devotos “onde de uma hora para outra a casa ficou pequena para tanta gente, que em romaria queriam ver a imagem do padroeiro”. O episódio do retorno do santo resgatado suscitou, assim como o festejo, uma intensa participação da população, culminando na realização de uma procissão. Na ocasião, foi celebrada ainda uma missa de recepção pelo bispo da arquidiocese, seguida de discursos das autoridades. Pouco tempo depois, a imagem precisou ser restaurada, a fim de corrigir danos em partes de sua estrutura. Após a restauração alguns fiéis relatam uma certa insatisfação com o resultado final (“a imagem teria perdido o brilho do semblante e o olhar reluzente”).

Para o que importa ressaltar aqui, memória do “roubo da imagem do santo” evidencia alguns elementos importantes acerca dos vínculos subjetivos com os símbolos sagrados: em primeiro lugar, indicam que a violação do espaço sagrado (a igreja) e qualquer ato contra os símbolos sacros que abriga constituem, na realidade, um ataque á própria coletividade; em

segundo lugar, a própria interpretação do evento se articula à manutenção de uma interpretação religiosa de mundo, uma vez que nas narrativas sobre o sumiço do santo o seu retorno é reiterado como mais uma prova de que ele é milagroso; por fim, e não menos importante, pode-se notar que a cerimônia de retorno do santo não diferiu muito da própria realização de um festejo, contando com forte presença popular e também de autoridades civis e eclesiásticas. A questão é que: tal qual em uma procissão na qual se desloca o objeto sagrado no espaço, tal evento também contribuiu para agudizar a própria percepção da importância do objeto, de sua centralidade simbólica, de suas propriedades e também suas características.

5. O FESTEJO DE SÃO BERNARDO COMO MEDIAÇÃO.

Como nas demais festas religiosas cristãs que acontecem no Brasil a relação entre o Sagrado e o profano se estabelece em uma dinâmica indissociável. As manifestações sagradas revelam-se nos ritos e cerimoniais que tentam transcender a fé do homem, criando as dimensões entre o homem e o divino. Através das representações sagradas o homem busca consolidar uma intimidade com aquilo que ultrapassa o humano. Ao mesmo tempo nessa íntima relação que o homem estabelece com o sagrado através de ritos e ações de festejar divindades, o ambiente é transpassado pelo sagrado e pelo profano. A religiosidade enraizada na cultura brasileira fez criar e recrear as representações festivas em homenagens aos Santos. O modelo do cristianismo encaminhado no processo de colonização fez florescer um ambiente embebido pelo Sagrado e pelo Profano. A comunicação mística por meio de cerimônias sacras e outros rituais buscam ultrapassar as barreiras do profano que se cristaliza tanto no individual quanto no coletivo. Segundo Mircea Eliade (1992 p. 17) a relação entre o que é Sagrado e o que se manifesta como contrário é o fato de que este se mostra como algo completamente diferente. Dessa forma, o Sagrado e o Profano coexistem de diferentes posições que são tomadas pelos indivíduos no ato festivo. No ambiente preparado para invocar o ato de fé por meio da consagração especialmente em festas dedicadas aos Santos Padroeiros, os sujeitos são convidados a entrarem neste lugar sagrado confirmando e seguindo os preceitos religiosos. Quebrar este elo modifica toda a postura tomada pelo sujeito que pretende manter sempre um ato puro de fé e devoção dentro dos cerimoniais místicos.

Um marco que mantêm viva as tradições festivas populares no município de São Bernardo, identifica-se com aspectos culturais e costumes de manutenção da religiosidade por meio do festejo de *São Bernardo*. Esta festa religiosa atrai milhares de romeiros e devotos que alimentam a tradição e mantêm viva a ritualização e a fé ocasionando transformações espaciais e culturais. São momentos de grandes vivências para os moradores da região que contemplam momentos da representação do sagrado (missas, novenário, pagamentos de promessas e procissão) e do profano (festas dançantes, leilões e outros) que acontece de maneira simultânea e não separados um do outro.

A organização da festa reflete momentos de trabalho e o fortalecimento da fé das pessoas devotas do *Padroeiro*, bem como aqueles que vêm apenas visitar. Dessa forma, coexiste uma relação de aspectos sociais, culturais e espirituais envolto na festa.

REFERÊNCIAS:

- ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **A história em jogo:** a atuação de Michel Foucault no campo da historiografia. In: História a Arte de inventar o passado. Bauru, EDUSC, 2007.
- AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **Festa à brasileira.** Significados do festejar, no país que “não é sério”. Tese de doutorado apresentada ao departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (USP), 1998, 387p.
- BARROS, A. Evaldo A. **USOS E ABUSOS DO ENCONTRO FESTIVO:** Identidades, Diferenças e Desigualdades no Maranhão dos Bumbas (1900-50). Outros Tempos **JCR**, v. 6, p. 1-23, 2009.
- BURKE, Peter. **A história como memória social.** In: Variedades de História Cultural. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2000 (complementar).
- COUTO, Edilece S. **Devoções, festas e ritos:** algumas considerações. Revista Brasileira de História das Religiões **JCR**, v. 1, p. 1-10, 2008

DA MATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis** – Para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

DUVIGNAUD, Jean. **Festas e Civilizações**. Ed. Universidade Federal do Ceará. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

PRADO, Regina Paula dos Santos. **Todo Ano Tem**. As Festas na Estrutura Social Camponesa. São Luís: PPGCS/GERUR/EDUFMA, 2007. 200 p.

QUEIROZ, Maria Isaura P. **Carnaval Brasileiro – o Vivido e o mito**. São Paulo, Brasiliense, 1992.

HAUCK, João Fagundes. **A história da igreja no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1992.

Notas

¹ Graduando do terceiro semestre do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas na Universidade Federal do Maranhão

¹ Graduanda do terceiro semestre do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas na Universidade Federal do Maranhão

¹ Docente de História do Curso de Ciências Humanas, Campus São Bernardo, UFMA.

¹ Microrregião do Baixo Parnaíba maranhense é uma das microrregiões do estado do Maranhão pertencente à mesorregião Leste Maranhense. Sua população foi estimada em 2006 pelo IBGE em 129.381 habitantes e está dividida em seis municípios. Possui uma área total de 6.872.865 Km. Municípios: Água Doce do Maranhão, Araióses, Magalhães de Almeida, Santa Quitéria do Maranhão, Santana do Maranhão, São Bernardo. Etc.